

O IMPARCIAL

PROPRIETARIO, AUGUSTO DOS SANTOS GUIMARÃES

De J. de S. da Soc. Moço Larum

PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS-FEIRAS

II ANNO

SEXTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1874

NUM. 144

GUIMARÃES 23

Sebastião da Costa Vieira Leite, é um nome que dá honra a Guimarães, e que passaria á posteridade em letras de ouro, se uma excessiva modestia e uma abnegação singular o não prendessem á vida ignorada e exemplar que tem. Foi preciso que a sua alma, bem ou mal entendidamente, soffresse muito, para que o orador eloquente, o poeta mimoso, o jornalista tão comedido como judicioso, o padre evangelico, apparecesse ao publico, e—perdoe-nos a convicção—viesse, da primeira vez, cheio de furias que nunca lhe conhecemos.

O segundo escripto de s. ex.^a, que acabamos de ler, já nos mostra melhor o respeitavel character do seu auctor. Diz as razões da sua indignação, que, não nos parecendo aceitaveis em todo o caso, não nos obrigamos a considerar.

Manifesta-se pessimista no tocante ás luzes do século, e nós pertencemos a outra escola. Não confiamos na voluntaria religiosidade do homem, e nós confiamos. Parte de factos exceptionaes para os succedimentos ordinarios, e nós entendemos que o ponto da partida é inadmissivel em boa logica.

Se não temessemos magoal-o, provar-lhe-hiamos com a historia na mão, que nunca foi o povo o causador das dissoluções religiosas que tem vicimado a humanidade.

Luthero foi um frade catholico, e atacou o papa, a igreja romana, os votos monasticos, o celibato dos padres e a hierarchia ecclesiastica.

O povo ama a religião sem a discutir. O povo, e isto mesmo confessa o sr. padre Sebastião, não se

abala facilmente nas suas crenças. O edificantissimo spectaculo da Paixão de Christo, foi por elle visto no theatro com a maior reverencia e compuncção. Foi aquelle um acto innocente, que só a discussão prejudicou.

Sobre a inconveniencia de serem os templos transferidos para o theatro e para a rua, estamos todos de accordo.

Discordamos, porem, e muito, na conveniencia da discussão, a que o sr. Sebastião Leite chama a *salvação do senso moral e da vida religiosa d'este povo.*

Decidio—se homens podem ter o arrojo de empregar tal palavra olhando para o céu—chamarémos nós ao facto imperdoavel de se trazer Christo para as polemicas da imprensa jornalística.

A VERDADE E DEUS

Não ha hypocrisia, não ha sentimento perverso, que resista por muito tempo á verdade, e que não seja por ella fulminado.

Leram o que a «Religião e Patria» escreveu no seu numero de sabbado, 21 do corrente, ao exm.^o Sacra-Familia? Sabemos que leram, e que nunca em Guimarães houve tanta indignação publica por um escripto jornalístico.

Pois leiam agora o que diz o mesmo papel, no seu numero immediato, ao mesmo venerando ecclesiastico:

«Estes actos nobilitam sobre maneira quem os pratica, e com relação a s. s.^a LEVANTAM, SE E' POSSIVEL AINDA MAIS, O CONCEITO EM QUE E' TIDO, PELAS SUAS VIRTUDES, NA OPINIÃO PUBLICA.»

Aquelle relógio ainda tornou a acordar-me ao bater das duas horas, que foi mesmo exactamente quando senti abrir-se a porta do quarto. Descerrei as palpebras, olhei em roda de mim, e vi Esther que entrava envolta em alvas roupagens e, com um sorriso triste a brincar-lhe em seus finos labios, que prezez o objecto da mais espantosa admiração para mim. Lembrei-me d'ella me haver dito que a minha pallidez fazia que eu parecesse um cadaver, por que ella então assemelhava-se ao mais gracioso phantasma; isto, se é possível encontrar-se em phantasmas.

Os seus cabellos doiradinhos, caíam-lhes desordenados pelas costas abaixo, e outros aminhavam-se-lhes no seio de neve; os seus lindos olhos azues, cheios de vida, brilhavam mais que estrellas em ceu d'animal!

Que formosa e encantadora mulher! Era um verdadeiro typo inglez!...

Esther porem, em seguida ao meu espanto, principiou assim:

—Sou eu, não se assuste. E' a mulher da eventualidade que vem pedir-te...

Isto faz lembrar Judas a enforcarse por ter vendido a Christo. Em todo o caso, deve levar-se-lhe em conta o arrependimento.

Devemos á «Religião e Patria» a fineza de nos fazer ler um escripto que a «União Catholica» nos derigiu. Esta folha brazense, não troca comuoso, nem se deu ao encommodo de nos remetter aquelle numero do seu jornal em que fallou de nós. Não faremos outro tanto: remetter-lhe-emos este numero, por que a nossa civilidade é imparcial.

Não foi como censura que fallamos dos *considerandos* da circular enviada pelo sr. governador civil aos seus subordinados, nem dissemos que elles eram offensivos para a pessoa do sr. administrador. Escrevemos o que sentimos, e comuoso muita gente boa, pela má redacção d'aquelle documento, que nem ao sr. governador civil attribuímos, e provamos que ella era offensiva da auctoridade que consentiu no *considerando* da auctoridade, no caso sugerido a este concelho, como pelo sr. governador civil.

Não podemos admitir *condescendencias* da parte da auctoridade no cumprimento dos seus deveres, e muito principalmente em casos de tanta gravidade. Se entendia, como depois mostrou ter conhecido, que o spectaculo era *offensivo das crenças religiosas do povo* etc, não devia ter consentido n'elle por nenhuma consideração. E se de tal não estava persuadida então, e mais tarde conheceu que tinha errado, podia, e devia, prohibir a continuação do spectaculo, mas sem espalhafatos, a que chamamos comprometedores da sua dignidade, embora lhos divinise os que com elles aproveitaram.

Por isso mesmo que apoiamos o sr. governador civil como representante da situação n'este districto, é que nos julgamos obrigados a dizer-lhe a verdade inteira.

Ha celebridades tristes, que nenhum homem notavel deve querer. Os considerados de que fallamos, muito aproveitaveis para uma pastoral, foram de uma infelicidade nunca vista para uma peça assi-

gnada pela primeira auctoridade administrativa do districto.

Que diria a «União Catholica» se um bispo dissesse n'uma pastoral—«Considerando que o monte maninho da freguezia de tal, segundo a disposição do artigo tal, do codigo administrativo, é...» etc?—E' muito provavel que dissesse o mesmo que nós dizemos do—«Considerando que as Pessoas de Jesus Christo e Nossa Senhora, sobre serem inemitaveis...» etc.—firmado pelo sr. governador civil.

E nós, fallando deste modo á auctoridade, alem de cumprirmos o nosso dever de jornalistas, prestamos-lhe verdadeiros serviços, por que a livramos da repetição de actos que a prejudicam, e por que lhe mostramos como a opinião publica recebeu a redacção d'aquelle seu documento, que é o que os seus incensadores lhe occultam, e o que ella deve saber.

Sobre *bumbuchatas, abusões, applausos*, etc, etc, tinhamos muitissimo para dizer, e calamos-nos...

E' bem contra nossa vontade, com repugnancia até, que entramos em questões religiosas. A Religião acata-se, nós se discute.

Os apóstolos da liberdade do pensamento, nunca podem negar-se, sob qualquer pretexto, á publicação de escriptos decentes, e muito principalmente quando aquelle que a pede vem á imprensa justificar os seus actos.

Se era contra a vossa opinião o que dizia o exm.^o Sacra-Familia, precedesdes o seu escripto de uma declaração n'esse sentido. Mandar embora um homem religioso sem a esmola do desafoço que vos pedia, não é procedimento de religiosos nem de jornalistas. Injuriar-o depois pela publicação, e ao jornal que a fez, é procedimento só vosso.

Nem todos os fins justificam os meios, nem todas as razões são como parecem.

mais te lembrarás da pobre e desgraçada filha da eventualidade, como tu dizes; e é por isso que eu queria morrer hoje mesmo aqui sosinho... junto de ti!...

—Oh! por Deus, falle mais baixo, que ninguém nos ouça, sr.^a D. Esther; por que do contrario o que hão de dizer de mim?!

—Mas tu, que assim me fallas, é por que ainda me não amas, meu Julio, é por que ainda não te resolveste a dar um pouco d'amor á pobre mulher da eventualidade. Onde tens o teu amor, Julio? Tem compaixão de mim! Não vês estas lagrimas que me escaldam, a desbotar-me as faces, aonde ha pouco ainda desabrochou a cor? não vês estes cabellos desalinhadados, que estão agasalhados em meu seio, e que ainda hontem eram captivos da rede de dormir? não vês?!

Gustão

(Continua)

SOLILÓQUIO

AMARGUM DO PASSADO

Amigo e distincto poeta

DIAS FREITAS

Ah...
Porque és triste?...

XXIV

Um relógio de mesa que se achava no quarto, a que Luiz de Mello me conduziu, marcava a meia noite, quando me recolhi ao leito. Pouco depois veio o somno cercar-me as palpebras.

A' uma hora da noite, fui acordado pelo despertador do mesmo relógio, e logo supuz que foi Esther quem designou aquella hora para que me lembrasse d'ella; porem um pouco depois tornei a adormecer.

Pedimos venia ao illustradissimo collega do «Jornal do Commercio», para transcrevermos o artigo principal do seu numero 6083.

A transcripção que fazemos, não significa concordancia absoluta com as ideas expostas no bem elaborado escripto. E' nosso intuito principal que os leitores, em questão tão momentosa como é a *dotação do clero*, conheçam a opinião de um dos mais auctorizados jornalistas de Portugal.

«Falla-se em dotação do clero; nunca comprehendemos o que isto significa: é um fundo creado para sustentar o clero, ou é a inscripção no orçamento dos individuos clericos, como funcionarios publicos? E não comprehendemos ainda por outro motivo. Como pode o estado pagar o serviço de individuos, que só obedecem ás leis do seu paiz, em quanto lh'o consente um poder estranho?»

Sempre entendemos que o clero deve ser sustentado, desde o bispo até ao sacristão, pelas contribuições voluntarias dos fieis; e sempre entendemos tambem que só em paiz tão catholico, como Portugal, que mereceu a qualificação de Fidelissimo, é coisa natural e facil a sustentação do clero pela contribuição dos fieis.

Em verdade, sendo o clero tão necessario, como se afirma ser, é para admirar que seja indispensavel recorrer ao orçamento para o sustentar. Bem sabemos que haverá ali uns bons catholicos, que hão de fallar nos grandes bens, nas ricas propriedades, que o clero possuia, e de que foi esbaldado. Mas como essa posse era subordinada ás leis que de ha muito vigoravam em Portugal, as quaes regulavam até a existencia do clero regular, já se vê que parece imposta a observação, ou coarctada contra o facto existente.

O clero só reconhece as leis do paiz, quando não contrariam as que recebe de Roma; se é punido pela desobediencia, declara-se martyr. Com effeito as relações do estado com a igreja laboram em vicios capitais, que só a *amalgamação franca e real* no principio a *Egreja livre no Estado livre*, pode sanar.

Por uma parte a igreja reclama a sua completa independencia, por outra parte, o estado julga que deve exercer o direito supremo de coarctar essa independencia.

A igreja não quer reconhecer que está no estado, e até certo ponto com bom fundamento. Se todos reconhecem que a vida é apenas uma peregrinação n'este mundo, para chegar á eterna bemaventurança, e que o clero é o intermediario entre Deus e os homens, e que é elle quem aplanar o caminho para chegar a essa bemaventurança, fim unico que, segundo o clero, se deve ter em vista, extremo para onde devem convergir todas as acções humanas; se todos, enfim, confessam que sem o clero não ha sociedade possivel, razão tem elle para reclamar a sua independencia. A missão que exerce é a mais sublime de todas; é o delegado do vigário do proprio Deus, d'aquelle que tem o poder de atar e desatar, e assim quem pode ter poder superior ao d'elle?

E' fundado n'estes motivos que o clero só obedece ao papa; é por isso que os bispos nomeados pelo imperante, occultam de quem recebem a nomeação, para só dizerem que a receberam da Santa Sé;—*por mercê de Deus e da Santa Sé*—é a formula.

Estes principios sempre professados pela curia romana, e levados á practica durante seculos, isto é, existindo de facto a supremacia absoluta da Santa Sé para usar das duas espadas, a temporal e a espiritual, são ainda hoje aquelles a que o clero obedece.

Tudo isto está bem expresso em milhares de documentos emanados da curia romana; mas vemol-os affirmados n'uma especie de declaração dos doutores pontificios, quando em tempo do papa Paulo IV, abdicou o imperador Carlos V.

Era opinião dos doutores que o imperador, recebendo toda a autoridade do papa, não podia, sem consentimento d'este, despojar-se d'ella.

Era levar ao ultimo extremo a soberania temporal dos papas.

Diziam os curiaes :

«Não ha duvida de que a auctoridade do pontifice romano é por tal modo oberrana, que todas as outras a devem reconhecer, não só como superior, senão como a fonte d'onde emanam o seu esplendor e a sua força. Porque o Omnipotente da a Pedro e a seus successores, claveiro da vida eterna, todos os direitos do imrio terrestre e celeste.

«...O papa exerce uma authoridade que não procede do homem, que não ceita pelo homem, mas que procede do fho de Deus, de quem o papa é vigario na terra...

«Se todos os principes do mundo lesem ser ovelhas de Christo, é mister ue se submettam ao regimen e ao imprio do soberano pastor, que é o papa...

«Porque Nosso Senhor Jesus Christo é o unico principe, o unico monarcha o unico imperador de todo o mundo; ori o seu vigario é o papa, que rege o imperador e os reis, de quem o imperador recebe o seu titulo, e a espada destinada a punir os maus e a glorificar os santos...

«Com effeito o papa é o monarcha do mundo, e é mister que tenha uma e outra espada, porque Moysés, de quem é successor, teve as duas espadas, e Jesus Christo, Nosso Senhor, de ambas usou.»

E' esta a doutrina ainda agora da curia romana; e é esta a doutrina que o clero professa. Não a contestamos, mas repelle-a a liberdade, repelle-a o progresso, como a repelliram alguns monarchas portuguezes, e muitos dos seus mais illustres doutores.

Sem embargo, Roma nunca cedeu das suas pretensões, e o clero, hoje, muito mais do que ha cincoenta annos, procura propagar essa nefasta doutrina, recebendo o intitulado dogma da infallibilidade pontificia, e quasi divinizando o papa.

Ahi os ouvis na imprensa, e nos pulpitos condemnando a sociedade moderna, vociferando contra o progresso, proclamando os abominaveis principios da insurreição, em nome do ceu, contra as liberdades dos povos. Ahi os ouvis pregando um misticismo milagreiro, absurdo e ridiculo; ahi os vedes invadindo as famílias a seus paes, usurpando fortunas, e para ensinarem a obediencia, a humildade e o desapego dos bens mundanos, praticando a desobediencia, o orgulho, e a ambição.

(Continua)

Não agredimos; repellimos aggressões brutaes, ainda com menos severidade do que ellas requerem. São os vossos feitos que nos obrigam a penna. Não temos odios, nem, que os tivéssemos, os trariam para aqui: não sabemos imitar-vos.

Como homens, sois-nos completamente indifferentes; como jornalistas, merecis o nosso rigor. Se quizessemos perseguir-vos, temos documentos ac alcance da nossa mão, que, com todo o vosso cynismo, vos fariam chorar e não rir.

A nós e ao publico é que vós provocaes a gargalhada, quando julgaes acobertar a vossa maldade e a vossa mepcia com imaginarios horrores e amarellos risos.

O que vos deve horrorisar é o modo por que tendes enxovalhado a augusta bandeira da «Religião e Patria», escrevendo insultos a pessoas honestissimas, empregando phrases que só podem tolerar-se n'um jornal burlesco, incitando odios, promovendo discordias, confundindo o justo com o injusto, mostrando-vos sempre em maleões politicos, e comprometendo até aquelles de quem vos dizeis amigos.

E' isto que nós, pelo nosso dever de jornalistas, perseguimos, e continuaremos a perseguir.

NOTICIARIO

Bom é.—Vae chegando ao seu termo a inconvenientissima polêmica a que deu causa a má interpretação do innocente facto de ser representada no theatro d'esta cidade a Paixão de Christo. Depois de arrastarem o Sacrosancto nome do Redemptor do Mundo pelas officinas

jornalisticas, onde, desgraçadamente, se representam, com bem mais desplante do que no theatro, *scenas lubricas e immorales*, a par de muitas edificantes e utilissimas,—vieram as ordens das auctoridades, que todos aceitavam sem precedencia de controversias inuteis e prejudiciaes.

E ficou tudo no mesmo estado. São as mesmas as creanças do povo, o mesmo o seu acatamento pela religião, as mesmas as duvidas dos teimosos, tudo o mesmo!...

Só, talvez, se possa notar alguma differença, de certo por pouco tempo, nas amigaveis e boas relações dos actores que, fóra do theatro, representaram n'esta calamitosa farça.

Ainda bem, que a *tempestade* está a tocar no seu termo.

Mais vale tarde que nunca—A «Religião e Patria» no seu artigo principal do ultimo numero, rebate o que dissemos, e sustentamos, dos considerandos da circular, com uma linguagem habil e decente.

Escrevam sempre, e tudo, assim, sejam coerentes e firmes, que não seremos dos ultimos a considerar as suas opiniões.

Folgamos tanto em lhe fazer esta justiça, quanto nos repugna o termos de a verberar quando o merece.

Aos talentos do «Commercio do Minho»—Apesar dos nossos *collaboradores* serem uns *ninaguens*, o collega ficou sabendo que a cidade de Guimarães não é *roupa de francezes*, e que na imprensa prevalece o raciocinio.

Na feira passada, por volta das sete horas da tarde, um carro que vinha de Fafe, voltou-se no largo da Senhora da Guia, ficando um dos passageiros magoados, e perdendo-se alguns objectos de ouro, que um d'elles trazia n'uma vidraça de que os ourives se servem para exporem nas feiras as suas mercadorias.

O cocheiro, á falta de lampeões, fizera alumiar o carro por duas luzes, que uns rapazes traziam na mão; e como isto fosse presenciado por tres zeladores municipaes, fizeram parar o carro para o multar. O cocheiro gritou aos zeladores, que o deixassem chegar a terreno plano, por que alli não podia parar; e, por que não foi atendido, teve logar a queda do carro.

Foi assim que nos contaram o facto. A ser verdade, quem teve culpa do acontecimento?

Monte-Pio Commercial—São convidados os socios do Monte-Pio Commercial a reunirem domingo 1 de Março pelas 2 horas da tarde, a fim de ser discutido o relatório da direcção e parecer da commissão de contas.

Desastre—Um pobre rapaz que estava podando uma arvore em S. Pedro de Azurey, suburbios desta cidade, cahiu d'ella abaixo tão desastrosamente, que da queda lhe resultou a morte poucos minutos depois.

Theatro—No lugar competente, vae o annuncio do espectáculo que a companhia hespanhola leva á scena no theatro d'esta cidade, nas noites d'amanhã e de domingo.

Tempo—Continua chuvoso e carrancudo o tempo. Hontem esteve um dia de rigoroso inverno. O

vento fortissimo que soprou, causou alguns estragos. Em compensação, dizem os entendedores, é ainda muito proveitosa a chuva.

Um casamento engraçado—Lê-se no «Districto de Aveiro» de 16 o seguinte:

«Houve esta madrugada um divertido escandalo na freguezia de Vera Cruz. Casava-se um individuo muito conhecido com uma joven que mora ali para os lados de S. Bartholomeu.

Em tempo o noivo tivera seu dars e tomares, ao que parece coisa sem consequencia, com uma rapariga do aboi, a qual tem cabellino na venta. Põe ella descobrir a hora a que devia ter logar o casamento.

Corre á igreja. Vae o noivo estava a confessar-se. Vae direito a elle. Sem mais cerimonia diz he em altas vozes:

—Ah «seu diabo, confesse-se direito, diga o que me deve a mim».

O acto e serio, e apesar de estarmos no entudo, a novidade da objurgatoria produziu effeito.

O padre assarapanta-se, a confissão interrompe-se, o penitente ergue-se confuso, interveem os padrinhos, e só depois de muito rebolico, se consegue que a rapariga tenha para o corpo da igreja, e a confissão continue.

Mas a rapariga tinha o mafarico no corpo. Dá-lhe a veneta, e ahi vae direita á redencia onde estava o livro das orações, pega n'elle e vae já safar-se porta fóra. Um dos padrinhos corre sobre ella, e tira-lhe o livro. Ella grita «aqui d'el-rei».

Era indiscriptivel a haburdia. A scena era propria do carnaval. Não podia ser outra coisa. Do acompanhamento uns riem folgadamente, outros indignam-se contra a auctoridade do desacato.

O noivo grande patusco, e que tem passado a vida a disfructar os outros, estava succumbido. Chegava-lhe a sua vez de ser tambem disfructado. Não dizia palavra.

O padre que nunca se vira em taes difficuldades, e que alem de prudente é muito pouco casado, e não se podia contar a serio. Mas elle hesitava.

Final principia a cerimonia. Aqui é que foram ellas. A rapariga irrompe até ao cruzeiro da igreja, colloca-se ao lado dos nubentes, e começa a tomar parte no dialogo entre elles e o sacerdote.

—Sou eu sr. padre, sou eu que caso,

—Sim, senhor, recebo a vós...

—Não é essa a mão sr. padre, é esta e apresentava a mão sobre a do noivo, repellindo a da noiva.

—Olhe que é neste dedo que deve metter o anel; e teimava em apresentar o anular.

O pobre padre suava em bica. O noivo não dizia palavra. O acompanhamento ria á gargalhadas. Os padrinhos por mais que fizessem não podiam segurar a interruptora. Parecia que tinha phrenesis.

Até lá se concluiu *tant bien qui mal* o casamento. Os noivos vieram para casa, já livres da rapariga, que ficava no adro dando razão ao seu dito, e o patusco do noivo que via que os seus disfructados tinham agora a soffra, ia dizendo para os padrinhos:

—Ora a rapariga é o diabo. Quem se havia de lembrar que ella fazia uma d'estas!

REVISTA ESTRANGEIRA HESPANHA

Vem completamente destituídos de interesse os jornaes hespanhoes.

A maior novidade é a marcha do atrevido brigadeiro Santés, sobre a provincia de Toledo, depois de ter logrado todos os planos do general Lopez Dominguez.

A este respeito diz o «Imparcial» o seguinte:

«O exercito do centro deteve-se 15 dias em Liria, talvez a observar os movimentos do inimigo e a for-

mar o seu plano de campanha contra Santés, sendo provável que o general em chefe não julgasse conveniente perseguir-o além de Requena ou de Utiel.

Os carlistas entretanto não abandonaram a costa que é a sua terra de promissão; protegem desembarques de armamento, fazem exércos de homens, cavallos e dinheiros, não se importam muito com a perseguição que lhe fazem.

Santés que é sem duvida o maior chefe dos carlistas, tem todos os cabecilhas te, e operando em combinação com Cucala, estiveram a bordo do navio de 10 em Mira, tendo pela povoação de L... 200 cavallos doentes, em consequencia de fadigas de tão rapidas viagens.

Não parece provável q Santés torne a Chelva, porque pe do material de guerra que allinha reunido o mandou para Har de Alpuente, onde tambem é provável não se deterá.

De todos os modos a situação da provincia de Cuenca continua sendo deploravel. Santés actualmente só tem na sua frente as tropas que saíram de Madrid, as quaes consistem nos batalhões de caçadores de Navas, Estella e o segundo regimento de marinha, commandados pelo brigadeiro Soria Santa Cruz, e duas baterias do primeiro regimento montado, 60 cavallos de Farnesio, 80 de Hespanha e 100 de Villaviciosa.

Para que as forças se pozessem em movimento era necessario que a força de Santés fosse mais numerosa.

Do norte continuam a faltar noticias, em consequencia segundo dizem os jornaes, do mau tempo e da interrupção das linhas telegraphicas.

Sabe-se todavia que o brigadeiro Priano de Rivera estava em comunicação com o general Moriones e que tanto este como o sr. Barcaistegui esperavam apenas que melhorasse o tempo para emprenderem activamente as suas operações.

CORREIO DE HOJE

Lisboa 25 de fev.

[Do nosso correspondente]

Foram expedidas ordens pelo ministerio da marinha para que se ponham em embarcações, pelo que d'envio de ministerio, ás obradeiras para a nova estaca e trabalho real dos caminhos de ferro que se fazer na estação de Lisboa, hospedado em casa do sr. Acôrge, secretario da legação franceza, n'esta corte, o cavalheiro de mar e guerra da marinha, irmão d'aquelle diplomata.

Está restabelecido da sua enfermidade o sr. visconde do Carregoso.

As ultimas noticias da India, alcançam a 23 do passado e nada dão de extraordinario.

S. M. mandou gratificar a banda de musica de infantaria 5 com 160\$000 reis.

Acham-se na torre de S. Julião 60 praças de infantaria 12, vindas da Guarda, e que segundo consta vão de castigo para as ilhas.

O sr. barão de Castello de Paiva contemplou o asylo da mendicidade e o

hospital e asylo da infancia, desvalida de Coimbra com uma inscripção de 1:000\$000 reis.

Amanhã é depositado no cemiterio occidental o cadaver do sr. conselheiro José de Vasconcellos e Souza, que foi nosso ministro no Rio de Janeiro.

Continuam enfermos os srs. Fradesso da Silveira, e Santos e Silva.

Entrou ante-hontem no Tejo vinda do sul, a corveta «Diana».

Continua bastante incommodado o sr. conde de Thomar, nosso representante em Roma.

O sr. conde acha-se na sua casa em Lisboa.

Tambem se acha doente o sr. cardinal patriarcha.

Morreu o engenheiro José Carlos Lara Everard.

O vapor «Euchantress», chegado hoje, traz a noticia de ter havido um encarniado combate entre os negros e os inglezes 15 dias de Comassia.

Do exercito inglez, ficaram fóra do combate 240 homens, ficando os Ashantis derrotados.

Acha-se em Lisboa o sr. Camillo Castello Branco.

No domingo ultimo falleceu quasi repentinamente n'um camarote do theatro do «Principe Real» a esposa do sr. procurador Amado.

Acha-se encommodado o sr. Ozorio de Vasconcellos.

A inauguração do monumento no assaco será no dia em que all se festeja a Ascensão do Senhor, em maio.

No mez de março partirá para Moçambique o novo governador sr. Guedes Menzes.

A camara municipal de Lisboa pretende contrahir um emprestimo de 250 contos para a construcção de dous mercados.

Já teve a primeira reunião a comissão encarregada de estudar a questão dos assuáres.

A comissão nomeada para dar parecer sobre a questão dos circulos eleitoraes que o governo declare positivamente a sua opinião.

M. F.

A CARIDADE PUBLICA

Antonio José d'Oliveira, o —Pisca— mestre pedreiro, achando-se impossibilitado a trabalhar e nas mais criticas circunstancias, recorre ás almas caridosas, implorando uma esmola pelo Divino Amor e Deus.

Mora na rua das Lamellas, (foi rua Escuro) n.º 13, ao pé da morada do contador desta comarca.

Angelica Rosa da rua de Bal-dones numero 31 tem seu homem alienado ha mais de 4 annos e sem ter com que o sustentar, e para não morrerem de fome implora ás boas almas o obulo da caridade.

Maria Bernarda, moradora ao pé da capella de S. Lazaro acha-se eticha ha mais de dois mezes, e como vive em grande pobreza implora das boas almas uma esmola pelo amor de Deus.

AGRADECIMENTO

Antonio Serafim Afonso Barbosa, e D. Maria Augusta de Sá Barbosa, agradecem profundamente reconhecidos, a todas as excellentissimas senhoras e illusterrimos e excellentissimos senhores que os visitaram, por occasião do sentidissimo passamento de sua innocente e muito presada filha Maria da Mãre de Deus, bem como aos cavalheiros que assistiram aos responsos de «Gloria»,

que por aima d'aquella chorada innocente se rezaram na Igreja da Veneravel Orden Terceira de S. Francisco, na noite de 10 de janeiro proximo passado.

Da mesma forma lhe cumpre manifestar o seu eterno reconhecimento aos dignos mezaricos da referida Veneravel ordem, pelas provas de consideração que lhe dispensaram; e mui particularmente ao illusterrissimo senhor Manoel Ferreira de Abreu, que tão generosamente os obsequiou com os seus prestantes serviços.

ANNUNCIOS

EDITOS

Pelo juizo de direito desta comarca e cartorio do escrivão Mascarenhas corrementados de 30 dias a contar do dia 13 do corrente mez de Fevereiro, a citar Manoel Francisco Cerca, morador que foi na freguezia de Nespereira desta comarca, ora auzente em parte incerta nas Costas de Africa, para a segunda audiencia, passados que sejam os ditos 30 dias comparecer ou fazer-se representar por bastante procurador, pena de ficar subsistindo o julgamento da memoria e carta de reguerie e mulher da dita freguezia de Nespereira.

DINHEIRO A JURO

Ha para dar a juro a a quantia de 1:600\$000 rs.

Quem pertender a dita quantia pode dirigir-se a esta redacção, onde se darão as convenientes informações.

ARREMATACÃO

PELO juizo de direito da comarca de Guimarães, e cartorio do escrivão Martins, e por deliberação do Conselho de familia, no inventario de Joaquina Pereira, casada que foi com Manoel Pereira da Silva Caldas, do lugar da Lameira freguezia de S. Miguel das Caldas d'esta comarca, se tem de arrematar em praça publica, no tribunal do juizo sito no extinto convento de S. Domingos d'esta cidade no dia 7 de março futuro do corrente anno, e pelas 10 horas da manhã, um morada de casas de dois andares, com sallas, quartos, cosinha, e loas, sita no logar da Lameira, da dita freguezia, foreira a João Fernandes d'Araujo da mesma com o foro de 1200 reis e o Laudemio da quarentena, confronta do nascente com a estrada do caminho que vem de Lena Longa para a Lameira, ponente sul com cazas e quintal de Sinio Pereira Pedroza e do norte com cazas do mesmo sinhorio, pertencente á co-herdeira menor Josepha, filha que ficou da inventariada,

e avaliada em 854\$100 livre, com declaração de que a arrematação não é obrigatoria no primeiro dia de praça como consta dos editaes.

E para constar se fez o presente annuncio.

ARREMATACÃO

No dia 7 do proximo mez de março por 10 horas da manhã, no Tribunal Judicial da Comarca no extinto convento de S. Domingos d'esta cidade, e a requerimento de Custodio José Pinto Guimarães, e mulher, d'esta mesma, tem-se de proceder á arrematação voluntaria da raiz fructos e rendimentos do Casal de Eiris, sito na freguezia de S. Miguel de Cerzedo d'esta comarca, com todas as suas pertencas inclusivé diversos foros activos, pertencentes ao mesmo Casal, o que tudo se acha avaliado na quantia de 4:348\$527 reis com a condição porrem de só ser entreguequando o preço offerecido acima da avaliação convier aos requerentes, e a arrematação é feita com auctorisação judicial para o producto dos bens ser subrogado em inscripções de divida fundada.

E' escrivão do processo Freitas Costa.



THEATRO

DE

D. AFFONSO HENRIQUES

Sabbado 27, e domingo 28

O grandioso e sublime drama Sacro-Biblico-Religioso, original do notavel escriptor D. Ramon Franquelo, em 6 quadros, que se intitula:

Herodes, o grande, ou a degolação dos innocentes

TITULOS DOS QUADROS

- 1.º O crime quer seduzir a virgindade.
- 2.º A estrella dos tres reis magos.
- 3.º Audiencia de Herodes.
- 4.º O juizo de Salomão.
- 5.º A degolação dos innocentes.
- 6.º Remorso e morte de Herodes.

Termina o spectaculo com a vista da Gloria.

Principia ás 8 horas.

Os bilehtes para os snrs. assignantes, estão á venda no theatro até ás 4 horas da tarde d'amanhã.

GENEBRA FOCKINK

Vende-se por 500 reis cada botija d'esta excellente genebra, no armazem de Villa Pouca

NOVAS PUBLICAÇÕES

Diccionario Universal de Educação e ensino

Traduzido e muito ampliado

POR

CAMILLO CASTELLO BRANCO

2 grossos vol. cada um, 800 pag. a 2 columnas

Preço 600 rs.

AS GRANDES INVENÇÕES

ANTIGAS E MODERNAS

POR

LUIZ FIGUIER

Preço 3\$600

BIRLIOTECA D'ALJIBEIRA

NOITES DE INSOMNIA

por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Cada volume 200 rs.

Na livraria Internacional de Ernesto Chardron

AVISO AO POVO

PARA

NÃO MORRER DE BEXIGAS

OU

CONSIDERAÇÕES

SOBRE A EPIDEMIA DA VARIOL

POR

MANOEL JOSE DE PASSOS LYMA

PHARMACEUTICO

EM GUIMARÃES

Preço 100 reis.

Vendem-se em Guimarães no estabelecimento do sr. Antonio Bento Portella, á Senhora da Guia, ou no estabelecimento do sr. João Antonio de Souza Brandão, no campo de S. Francisco.

Em Braga, na Livraria Catholica, rua do Souto No Porto na Livraria Catholica, Praça de D. Pedro, e na Livraria de Antonio B. C. Coutinho, rua dos Caldeireiros.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(SEM ESTAMPILHA)

Por anno	3\$600 réis
Por semestre	1\$900 "
Por trimestre	1\$000 "
Folha avulso ou supplemento	140 "

TYPOGRAPHIA

N A typographia d'este jornal fazem-se todos e quaesquer impressos que sejam encomendados, com a maior promptidão, nitidez e barateza, como são :

Facturas, lettras, talões para aferição, arrendamentos, ordens de pagamento, procurações particulares e judiciais, cautellas, rotulos para garrafas ou frascos, cartas fúnebres, mappas, editaes, recibos, etc. etc.

N'esta typographia tambem se faz o cursivo para as cartas, bem como tinta azul, verde, vermelha, mordeute para dourar ou pratear qualquer impresso.

N. B. Vendem-se n'esta typographia letrasa 500 reis o cento.

Excedendo a duzentas custa cada cento quatro centos reis. Trmbem se vendem avulso 5 reis.



VINHOS
DO
ALTO DOURO
PREMIADOS
NAS
EXPOSIÇÕES





CASA
DE
VILLA POUCA
PREMIADOS
NAS
EXPOSIÇÕES

JOSE' do'liveira, encarregado de vender os vinhos da casa de Villa Pouca, annuncia que tem á venda as seguintes qualidades de vinho, engarrafado (fóra a garrafa)

Tinto de meza	150 reis	Moscatel	500 reis
Lagrima	200 reis	Vinho de 1854	600 reis
Tinto	190 reis	Roncon	700 reis
Tinto fino	240 reis	Vinho de 1825	1\$000 reis
Vinho velho em prova secca	300 reis	Reserva de 1838 por garrafa	2\$250 reis
Malvasia, segunda qualidade	360 reis	Bual de 1851	1\$000 reis
Vinho velho	400 reis	Delicado de 1837	800 reis
Alvaralhão, superior	560 reis	Especial de 1862	600 reis
Malvasia primeira qualidade	300 reis	Cottares puro	150 reis

A RETALHO :

Vinho de meza a 50, 60, 80, e 120 reis o quartilho do tinto e 120 reis do branco. Este armazem tem-depositos : em Fafe, em casa do sr. Miguel Antonio Monteiro de Campos; em Vizella em casa do sr. João Teixeira Alves, na Lameira; nas Taipas, no hotel do sr. Villas; em Braga, em casa do sr. Berpardo José Fernandes Cordeiro, rua do Souto n.º 9; em Vianna do Castello, em casa do sr. José Antonio Gonalves d'Azevedo, rua de S. Sebastião; no Porto, em casa do sr. F. G. Santa Cruz, rua de Santa Catarina; em Aveiro, em casa do sr. Lourenço da Costa Salgueiro; em Guadalupe, em casa do sr. Victorine Antonio Martins.

Responde-se pela boa qualidade e pureza d'estes vinhos e deixa-se fazer n'le toda e qualquer experiencia chimica; mas se ainda depois d'isso alguém duvidar da sua pureza, podem apparecer no armazem afim de assistirem á lotação dos ditos vinhos.

MIRANDA

CASA FELIZ

TERREIRO DE S. FRANCISCO

(JUNTO A ALFANDEGA N.º 5)

SOBTEGRANDE

RÈIS 5:000\$000

Tem á venda bilhetes e fracções da loteria de Lisboa da proxima extracção.

Tambem tem uma grande sociedade para quem quizer subscrever com qualquer quantia

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção, rua das Lamellas n. 45 a 49. Toda a correspondencia devera ser dirigida franca de porte ao proprietario Augusto dos Santos Guimarães, rua do S. Pao, ou ao escriptorio da redacção. As correspondencias e publicações de interesse particular são pagas; não se publicando os escriptos que involvam responsabilidade, sem que estes venham competentesmente legalizados. As publicações literarias serão publicadas gratis, recebendo-se na redacção dous exemplares. Anuncios e correspondencias 30 réis por cada linha, repetição 20 réis. As assignaturas são pagas adiantadas.

DEVANEIOS D'UM MANCEBO

POA

UM OBSCURO VIMARANENSE

Este excellente livrinho que acaba de publicar-se n'esta cidade contem tres partes a saber :

- 1.ª Deverei ser padre?
- 2.ª Algumas horas de delirio
- 3.ª Meditações.

A' venda em casa do ill. sr. Antonio da Costa Guimarães Nova,

Preço avulso 300 rs.

ALBUM ETICO-MUSICAL

Collecção de musicas para canto e recitação de poesias do auctor dos «Arpejos d'Alma» e «Idealismo e Sentimentos», Ant. Florencio Ferreira.

VALSA E POESIA, 200 REIS

Está publicado o 3.º numero, sob o titulo de «Pobre Mãe!» — a musica é do sr. João Rodrigues Cordeiro.

Envia-se promptamente para a provincia, a quem mandar 200 reis em estampilhas ao sr. C. F. F., rua de Pedro Dias, 31 1.º Lisboa.

A publicação é quinzenal. Fazendo-se assignatura por mais de 3 mezes, custa cada n.º 160 rs.

A empresa, mediante prévia combinação, envia quaesquer porções de exemplares para as lojas de todos os pontos do reino.

Os numeros publicados são as valsas e poesias «Meu Anjo!» e «Adeus!»

ENSAIOS POETICOS

DE

DIAS FREITAS

Precedidos d'uma carta-prefacio

PELO

D. FERREIR CALDAS

Um elegante volume de mais de 200 paginas, impresso com toda a nitidez n'ua das melhoressolicinas typographicas do Porto.

Vende-se na rua Nova n.º 3, e na Livraria Catholica, rua do Souto n.º 39.

ORAÇÃO DE MÃE

PHANTASIA DA MATICA

ADRIANO JACQUES

Assigna-se desde já, pagando-se a entrega os srs. que o desejam fazer, na imprensa academica, rua do Carmo, 62, Coimbra, — Preço 100 rs.

PREÇO DA ASSIGNATURA

(COM ESTAMPILHA)

Por anno	4\$380 réis
Por semestre	2\$290 "
Por trimestre	1\$190 "
Para o Brazil, (peço paquete) por anno	9\$000 "